



## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

Regiene Arcanjo Deus<sup>1</sup> (PPGL-UNEMAT)  
[re\\_arcanjo@outlook.com](mailto:re_arcanjo@outlook.com)

**RESUMO:** O presente trabalho foi realizado com alunos do 9º ano do ensino fundamental, através de questionário, buscando conhecer como é realizado o estudo da variação linguística na sala de aula, tendo como aporte teórico a Sociolinguística. Diante dos questionamentos foi identificado que os alunos não têm claro o conceito de variação linguística, eles chegam à escola com conceitos estigmatizados, não considerando a fala que traz do ambiente familiar como sendo parte da Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVES:** Variação Linguística, Escola, Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** The present work was carried out with students of the 9th grade of elementary school, through a questionnaire, seeking to know how the study of linguistic variation in the classroom is carried out, with theoretical contribution to Sociolinguistics. Before the questioning was identified that the students are not clear the concept of linguistic variation, they arrive at the school with stigmatized concepts, not considering the speech that brings of the familiar environment as being part of the Portuguese Language.

**KEYWORDS:** Linguistic Variation, School, Portuguese Language.

### Introdução

O domínio da linguagem é hoje condição para o acesso ao conhecimento, o mundo atual exige a formação de alunos críticos, capazes de relacionar contextos e experiências vividas, de identificar ideias e valores e de posicionar-se sobre eles. O conhecimento da variação linguística possibilita ao aluno uma ampliação de competências e habilidades na fala podendo refletir no seu aprendizado. Levando em conta que o indivíduo não utiliza a mesma variante no momento da interação devido à interferência de vários fatores, sendo eles culturais, sociais, geográficos, econômicos. Dessa forma o sujeito define-se pela linguagem, desvela-se, modifica sua realidade e cria novos sentidos ou ressignifica suas práticas ao longo de sua história.

Pensando nessas questões que surgiu o interesse de abordar como é trabalhada a variação linguística na sala de aula e sua repercussão no ensino/aprendizagem nas aulas

---

<sup>1</sup> Aluna do programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Mato- Grosso- UNEMAT

de Língua Portuguesa. Diante do exposto tentarei explicitar algumas questões importantes para o trabalho: Conceitos de variação linguística? Variação no contexto escolar, como são trabalhadas?

Para obter essas respostas foram feita pesquisa com alunos do nono ano do Ensino Fundamental, aplicado questionário com pergunta referente à variação linguística.

Tendo em vista que esses questionamentos são de grande relevância para professores e alunos que juntos podem conhecer essa variação e mudança na fala, obtendo assim ensino/aprendizagem dessa diversidade linguística existente tanto no contexto escolar como na comunidade que reside.

### **1. Variação e mudança linguística conhecer para não discriminar**

Inicialmente, abordarei um breve relato sobre a Língua Portuguesa, que foi inserida nos currículos escolares no final do século XIX, sendo destinada apenas para um grupo de falantes da norma socialmente elevada, porque o objetivo era somente oficializar o cognitivo do aluno. A partir da democratização do ensino, a escola passou a receber alunos de diferentes classes sociais, passou a constituir-se de falantes das variedades não-padrão da Língua Portuguesa. A escola é inovada, mesmo diante dessa realidade o currículo permaneceu centrado na gramática-padrão, ligada ao estudo do texto-estudo sobre a língua e estudo da língua. Ainda que as práticas de leitura e interpretação fizessem parte do material escolar, a preferência ainda era da gramática que se manteve firme.

Em 1970, a lei de Diretrizes e Bases da Educação (5692/71) realizou uma mudança radical no ensino brasileiro e instituiu, para a disciplina Língua Portuguesa, o conceito de comunicação:

Comunicação e Expressão	Séries iniciais
Comunicação em Língua Portuguesa	Séries finais



Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	2º grau
---	---------

Os objetivos, por seu turno, passam a ser pragmáticos e utilitários segundo Soares (1996).

Em 1980, a disciplina voltou denominar-se Língua Portuguesa, sendo influenciada pela Linguística Textual e estudos sobre discurso, tendo como objetivo o ensinar e aprender observando o contexto sócio-histórico do aluno na produção de linguagem. É a vez da Sociolinguística que concebe a língua como fato social observando a “variação linguística”. Por conta desse olhar combate-se o preconceito linguístico e valorizam-se as variedades de língua não-padrão ou não-cultas (MARCUSCHI,2000).

Partindo desse pressuposto básico da teoria da variação linguística, segundo Labov (1972 *apud* HORA, 2004), é o de que a “heterogeneidade, ou variação, é inerente a todo sistema linguístico e não é aleatória”, mas ordenada por restrições linguísticas e extralinguísticas. Sendo que a língua não é utilizada de maneira homogênea por seus falantes, visto que varia conforme os aspectos sociais, regionais, culturais, época e assim por diante. Não podemos afirmar que mesmo individualmente a língua seja uniforme, pois a língua pode ser modificada de acordo com a situação linguística que o indivíduo está inserido.

Travaglia aborda dois conceitos de variedades linguísticas:

Basicamente podemos ter dois tipos de variedades linguísticas: os **dialetos** e os **registros** (estes também chamados de **estilos**, por muitos estudiosos). Os **dialetos** são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou como preferem alguns, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. Já os **registros** são as variedades que ocorrem em função do uso que se faz a língua, ou como preferem alguns, dependem do receptor, da mensagem ou da situação. (TRAVAGLIA, 2000, p. 42).

Visto que Língua Portuguesa é heterogênea foram realizados estudos referentes à variação linguística registrando seis dimensões de variação dialetal: a territorial, a social, a de idade, a de sexo, a de geração e a de função.

Para Halliday, McIntosh e Strevens (1974), as variações de registro são classificadas em:

- Grau de formalismo sentido normativo e estético;
- Recurso da língua refere-se à oposição da língua falada e a língua escrita;
- Sintonia envolve características próprias que marca um estilo próprio.

De tal modo que alguns autores acham que a dificuldade que os alunos têm para escrever não advém do desconhecimento da norma culta ou padrão, mas antes do desconhecimento dessas características próprias do escrito. A língua escrita e a falada apresentam uma série de diferenças devidas ao meio (visual ou auditivo) em que são produzidas. (TRAVAGLIA, 2000, p. 52).

Deste modo faz se necessário tal abordagem em sala de aula, para que dificuldades como estas sejam evitadas e desmistificadas do ambiente escolar.

Referindo-se às variações Fregonezi afirma:

“O contexto social do enunciado específico, a posição social do locutor, sua origem geográfica e sua idade. Cada um destes aspectos proporciona um conjunto útil de generalidades”. (FREGONEZI, 1975, p. 16)

Havendo estas concepções como apoio, o educador deve apresentar ao aluno o conhecimento das variedades existente na língua, pois muitas vezes os preconceitos são gerados por causa do desconhecimento da variação linguística.

Diante dessa diversidade linguística os Parâmetros Curriculares Nacionais destaca que:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa... a questão não é de erro, mas

de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.(PCN,1998,p.31)

É coerente esclarecer que o professor deve proporcionar o ensino da variante culta, enfim o aluno deve conhecer e dominar a linguagem nos diferentes contextos para que possa identificá-las e utiliza-las em diversas situações. Tendo sempre em mente que a língua não é estática, mas é dinâmica modificando diariamente.

## **2. Variação no contexto escolar.**

A escola não é mais um espaço de transmissão de conhecimento e reprodução, onde o aluno era somente receptor de conceitos e regras e o professor o protagonista do ensino, por isso ensinar a língua implica em mudanças de atitude não somente na educação, mas também no fazer pedagógico, sabendo que o aluno já entra na escola com saber de língua própria capaz de interagir de forma satisfatória. Nesse conjunto de saberes inclui a variação linguística independente de ser certa ou errada de prestígio ou não. De acordo com Bagno (2006, p. 8):

Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, portanto, discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, chamando a atenção para a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa.

Ensinar a língua significa possibilitar o acesso a usos da linguagem mais formais e convencionais, coerente com as propostas dos PCN (1998) que tem por objetivo: tornar o aluno proficiente em sua língua materna, oral e escrita, a fim de lhe garantir o pleno exercício da cidadania.

Assim fica a cargo não só do professor de Língua Portuguesa, mas de todos profissionais que trabalham diretamente com o aluno o papel de desmistificar o preconceito linguístico no ambiente escolar.

Assim como afirma Oliveira e Cyranka;

O trabalho reflexivo com a Sociolinguística na sala de aula pode contribuir para reduzir esse olhar discriminatório sobre a língua, que inclusive já é considerado por muitos um pensamento ultrapassado. Trata-se, porém, de um fato real, concreto e vivido na pele por cidadãos que pertencem a camadas menos privilegiadas socioeconomicamente e cuja linguagem é, muitas vezes, considerada inferior, pobre, de baixo nível, assim como também o é a cultura de quem a emprega. (2013, p. 77).

No entanto aos poucos os professores estão conscientizando que a fala esta em constante movimento, e que o aluno deve escolher a forma que mais lhe agrada, isso contribui para que o mesmo se torne um cidadão seguro nas suas ações tendo habilidades para comunicar-se em vários contextos na sociedade, que por falta de conhecimento dessas variedades ainda acredita que existe um padrão a ser seguido.

Os Parâmetros Curriculares reforça que o aluno deve dinamizar selecionar sua própria forma de falar:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa... a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p. 31).

O aluno sendo protagonista para decidir qual variedade deve utilizar, faz com que ele tenha visão da democratização no ensino escolar, isso servirá para que haja motivação na aprendizagem, e ressignificação do conceito errôneo que escola só aprende e valoriza a norma-culta.

Esclarecendo que a variante culta deve ser apresentada e discutida nas escolas, o professor deve explicar à importância de se saber as diferentes variedades, mostrando que a um leque de escolhas que cabe a ele fazer a opção da variedade linguística que

acredita ser mais apropriada no ambiente que está inserido, sendo assim não se trata de trocar ou valorizar uma variedade por outra, mas conhecer e reconhecer essas diversidades linguísticas existentes.

Vejamos o que Bagno diz sobre esse assunto:

parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de *todas as variedades sociolinguísticas*, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32)

Deste modo, a partir momento que for objetivo das aulas de Língua Portuguesa promover o letramento em seus alunos os mesmos irão desenvolver autonomia e habilidade de exercícios criativos e crítico tanto na escola como na sociedade.

### **3. Coleta dos dados e análise**

Essa pesquisa foi realizada em uma escola da zona urbana situada no município de Cáceres-MT, nas turmas do 3º ciclo 3ª fase do ensino fundamental, com intuito de tentar responder algumas questões que nos inquietava sobre variação linguística.

Para averiguar essas questões sobre a variação linguística na escola, usarei como aporte teórico a Sociolinguística, considerando que:

Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, portanto, discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, chamando a atenção para a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa. (BAGNO, 2006, p. 8).

Sabendo que a Sociolinguística nos faz refletir que infelizmente onde há variação linguística há avaliação social, pois vivemos em uma sociedade hierarquizada, que seus valores ainda são medidos e posto em grupos de “certo” “errado” de prestígio ou não.

Em vista disso, segue as análises das entrevistas feitas com os alunos:

A primeira pergunta: Qual a importância de estudar a Língua Portuguesa? Os alunos responderam<sup>2</sup>:

**Lia** : “É importante para você poder falar corretamente as pessoas, expressar melhor, para fazer uma boa leitura.”

**Ane**: “Estudando a Língua Portuguesa podemos saber mais e passar a nós corrigir, e adquirir mais conhecimento”

**Marta**: “Eu acho importante estudar a Língua Portuguesa porque melhora a nossa expressão, o nosso modo de falar”

**Edu**: “Aprender sobre o modo de falar, as diferenças de uma fala pra outra, a importância de se falar e escrever corretamente as normas das línguas.”

**Maria**: “Em minha opinião estudar a Língua Portuguesa é muito importante para quando fomos falar com a sociedade para não falamos errado”. ”

**Samuel**: “A língua portuguesa é fundamental para nossa convivência, já é importante saber falar direito, seríamos uns primatas sem o português. ”

Veja que a visão dos alunos referente o ensino da Língua Portuguesa, é alicerçado em certo e errado, pois acredita que somente aprendendo a norma culta eles estarão aptos para interagir em diferentes contextos. No momento que Maria fala “quando fomos falar em sociedade” ela já tem um conceito que a sociedade aceita somente a norma culta e a escola precisa ensinar a se comunicar de maneira “correta”. Samuel reforça a questão “saber falar direito para nossa convivência”, os alunos não consideram a fala que trazem de sua comunidade para o ambiente escolar, na sua concepção somente com a norma culta é possível comunicar-se. Nesse sentido os PCN abordam que:

A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades

---

<sup>2</sup> Os nomes dos alunos aqui citados são fictícios.



aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (PCN, 1999, p.35)

Conforme citação fica a cargo do professor desmistificar esse conceito que existe somente uma variedade linguística capaz de produzir comunicação entre falantes.

No segundo momento: A Língua Portuguesa que você sabe é a mesma ensinada na escola?

**Lia:** “Não, pois agente ouvi muitas palavras errada no nosso cotidiano”

**Ane:** “Não porque pessoas falam em gírias e os estudos são as palavras correta as pessoas fala errado”

**Marta:** “Não, fora da sala falamos em gíria”

**Edu:** Não, busco pronunciar as palavras corretamente como busco na escola, mas também não uso gírias.

**Maria:** Não

**Samuel:** “Não, por que na escola agente aprende a falar adequadamente, e o que a gente fala.”.

Foi unanime a resposta não são iguais, eles acreditam que a linguagem que trazem do grupo de convívio não é Língua Portuguesa, como relata Samuel “(...) na escola aprende a falar adequadamente (...)”, demonstra que trazem consigo a fala estigmatizada e consideram que a escola é o lugar que deve-se falar corretamente não admitindo usar as variações. Por isso a importância ter educação linguística.

[...] As crianças, quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações. Mas ainda não têm uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes permita realizar tarefas comunicativas complexas em



Que se exija muita monitoração. [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p.74)

Na terceira pergunta foi abordado: Qual a opinião ou reação da professora diante da sua fala?

**Lia:** “Ela acha que eu falo bem Português na sala de aula”

**Ane:** “Elas brigam às vezes”

**Marta:** “norma e expressiva”

**Edu:** “Ela fala que a gente fala muito errado e não fala as palavras correta e muito errada.”

**Maria:** “Às vezes ela corrige, ela ensina a forma certa dizer às vezes da risada, mas sempre ensina um pouco do que ela sabe”.

**Samuel:** “não sei, nenhuma professora nunca disse nada”

Diante das respostas fica evidente que há variação linguística no contexto escolar, porque esse falar “errado” é a fala trazida por eles do ambiente familiar, que os professores talvez consciente ou inconscientemente considera inadequado para sala de aula. Seria de suma importância que o professor tivesse atitude de um linguista capaz de utilizar esses considerados “erros” para mostrar as variedades linguísticas que podem ser empregadas em diferentes contextos.

Para nós, “certo” é aquilo que ocorre na língua. É verdade que quase todo mundo tem suas preferências, detesta algumas construções, prefere a pronúncia de alguma região, etc. Mas o linguista precisa manter uma atitude científica, com atenção constante às realidades da língua e total respeito por elas. O linguista, cientista da linguagem, observa a língua como ela é, não como algumas pessoas acham que ela deveria ser. Condenar uma construção ou uma palavra ocorrente como incorreta é mais ou menos como decretar que é “errado” que aconteçam terremotos (não seria melhor que não acontecessem?). Mas eles acontecem, e um cientista não tem remédio senão reconhecer os fatos. (Perini, 2010, p. 21)

A quarta pergunta questionou: você sabe o que é variação linguística?

**Lia:** “Sim, é a linguagem padrão a forma que a sociedade fala”.

**Ane:** ‘Não’

**Marta:** “Não sei, nenhuma professora nunca disse nada”

**Edu:** “É uma pessoa que fala de vários modos”.

**Maria:** “São vários tipos de fala como gírias”

**Samuel:** “É forma que nos deveríamos falar. Exemplo, Norma padrão”.

Os alunos que responderam que sabem, não tem o conceito claro de variação, somente dois informantes responderam de maneira satisfatória. Essa questão nos remete a uma pergunta: O professor trabalha o conceito de variação linguística na sala de aula?

Visto que é necessário que o aluno tenha claro que variação linguística é forma de falar de cada indivíduo, que existe várias maneiras de dizer a mesma coisa. Nesse sentido parte do professor essa didática de apresentar tais concepções como orienta Cyranka, em artigo inédito,

A sociolinguística, considerando a contraparte social da linguagem, oferece o caminho para o tratamento adequado da heterogeneidade linguística na escola. Para essa ciência, a variação e a mudança linguísticas são processos naturais e têm motivações várias, entre elas, a identidade dos falantes dentro do seu grupo social e até mesmo de localidade geográfica. Nesse sentido, a capacitação docente na área da sociolinguística constitui o primeiro passo, indispensável para predispor os professores à ampliação do seu conhecimento acerca da língua e suas variações.

Para realizar essa conexão de diferentes conceitos linguísticos o professor deve ter informações sobre sociolinguística, para estar auxiliando seu aluno no sentido de conhecer e valorizar essa variação e mudança no contexto que está inserido.



### Considerações finais

Considerando as respostas dos alunos fica evidente que existe variação linguística na sala de aula, é preocupante o fato de chegarem à escola não considerando que já tem e sabe uma língua, diante desse conceito os professores precisam trabalhar de forma sistemática apresentando não só a norma padrão, mas as diversidades linguísticas existentes estimulando a capacidade do saber linguístico.

Dai a importância do trabalho com as linguagens para a vida do aluno: à medida que desenvolve sua capacidade de produtor e receptor das diferentes linguagens, amplia também sua capacidade de conhecer explicar-se o mundo.

### Referências

- BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO; GAGNÉ; STUBBS. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. O que é como se faz. 50. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008, p. 207
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. 176p.
- CYRANKA, Lúcia F. Mendonça; NASCIMENTO, Livia Arcanjo, OTONI, Patrícia Rafaela; PERON, Simone Rodrigues. **A reflexão sociolinguística no ensino fundamental: resultados de uma pesquisa-ação/FAPEMIG**. (Artigo a ser publicado).
- CYRANKA, Lúcia F. Mendonça; PERNAMBUCO, Déa Lúcia Campos. A língua culta na escola: uma interpretação sociolinguística. **Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 1**. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 10, p.17-28, jan./dez. 2008.



FREGONEZI, D. E. **A variação linguística e o ensino de Português.** Cornélio Procopio, FAFICL, 1975.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O papel da lingüística no ensino de línguas.** Conferência pronunciada no 1º Encontro de Estudos Linguístico-culturais na UFPE, Centro de Artes e Comunicação, Recife, PE, *mimeo*, 2000.

PERINI, Mário, A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010.

SOARES, Magda. **Português na escola: história de uma disciplina curricular. Material de divulgação da obra Português através de textos.** São Paulo: Moderna, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A variação linguística e o ensino de língua materna. In: **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º Graus.** 5º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Recebido Para Publicação em 12 de julho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 10 de agosto de 2017.